

# Uma escola feita com muito amor

*A 80 quilômetros do Centro do Rio, na zona rural de Itaguaí, uma diretora é o exemplo de dedicação*

Vera Araújo

**A** 80 quilômetros do Centro do Rio, na zona rural de Itaguaí, existe uma escola em que os alunos desconhecem o sentido da palavra greve. Ela tem aula com ou sem professor. Numa área de difícil acesso, poucos professores suportam trabalhar por mais de seis meses na Escola Estadual da Valinha. Mas isso nunca impressionou Sebastiana Cordeiro de Oliveira, 46 anos, há 15 diretora da escola. Todo início de semestre, o problema vem à tona e o jeito é pegar no giz e dar aula para pelo menos 50 crianças, entre os 6 e os 14 anos, do CA à quarta série, como faz atualmente.

Em 75, quando começou a lecionar para as crianças da Valinha, Sebastiana ou a tia, como é chamada carinhosamente por seus *meninos*, chegava à escola de carona no lombo de um cavalo, de carroça, de trator, ou mesmo na garupa da bicicleta de um estudante ou pai de aluno. O percurso da escola à antiga Rodovia Rio-São Paulo — onde apanha o ônibus para chegar a casa, no distrito de Seropédica, em Itaguaí — é de três quilômetros.

Hoje, ela continua a *comer poeira* na estrada, só que com sua própria bicicleta, uma Monark, barra circular, de cor verde e assento revestido com plástico do Flamengo. Para não se cansar muito, Sebastiana deixa a bicicleta num bar próximo à estrada, pega seu ônibus e anda mais dois quilômetros para chegar a casa: “é o preço da dedicação”, costuma dizer. Ela perdeu a conta das vezes em que os pneus da bicicleta furaram, mas sabe que, pelo sacrifício de chegar à escola, chova ou faça sol, recebe como salário, incluindo os triênios, cerca de Cr\$ 20 mil, líquidos.

O que mais aborrece Sebastiana é a comercialização da educação. “Fico triste quando vejo um professor que não se dedica ao trabalho e ocupa o lugar de alguém que tem amor ao que faz. Quando ele se submete a um concurso, deve imaginar as dificuldades que irá enfrentar. Quando comecei aqui, fiquei seis meses sem receber, mas não desisti por causa disso”, conta Sebastiana. Ela teve oportunidades de sobra para pedir transferência da escola, mas não quis.

Uma de suas maiores decepções é quando um professor chega com o car-

tão de ponto e um memorando da Secretaria de Educação do Estado, para trabalhar na escola, e aparece no dia seguinte para dizer que desistiu. Foi o que ocorreu com dois professores, na semana passada.

**Reconhecimento** — Se a escola “está esquecida pelo governo” (o colégio nunca teve uma reforma), como costuma dizer a diretora, uma pessoa ao menos ainda vive em função dela e das crianças. Vinte e sete anos de magistério (“já poderia pedir a aposentadoria”).

Como nos filmes que retratam as cidades do interior do Nordeste, o conceito da professora na zona rural de Itaguaí é dos melhores. Os presentes, quando os recebe, são sempre os mesmos: um quilo de quiabo ou aipim. “Eles me consideram importante, principalmente as crianças. Sinto ser muito mais útil para os *meninos* daqui do que para as crianças da zona urbana. Aqui, todos são carentes em tudo, merecem mais atenção”, afirma ela.

“Qual é a merenda de hoje, dona Ilza?” Essa é a primeira pergunta que as crianças fazem à merendeira Ilza Nogueira, de 44 anos, quando entram no terreno da escola, de cerca de 28 mil metros quadrados. Lá, existe até uma horta cultivada pelo marido da merendeira e pelas próprias crianças. O aipim, a batata-doce, o quiabo e o feijão, colhidos durante o ano, são usados na própria merenda. Quando há sobras, são vendidas para a compra de material escolar e de limpeza, como aconteceu no ano passado. As sementes são doadas pela própria comunidade.

Por ser uma área carente, as crianças são desnutridas, têm verminoses e doenças típicas do campo. “A falta de uma boa alimentação é o problema mais sério dessas crianças. É preciso haver um estímulo para que elas venham estudar, pois muitas andam mais de três quilômetros para chegar até aqui. Se não houver merenda, fica difícil mantê-las”, comentou a diretora.

Segundo ela, a escola só recebeu duas verbas para alimentação e gás, repassadas do Estado para o Município de Itaguaí. Cada verba só dá para um mês. A última, que veio este mês, foi de Cr\$ 16.938,36. Isso para manter 50 crianças. “Temos que *esticar* a alimentação. No semestre passado, as crianças só tiveram merenda em junho”, lembra Sebastiana.



A diretora Sebastiana anda dois quilômetros em ônibus e depois mais três, de bicicleta, na estrada poeirenta



Na Escola da Valinha, os poucos alunos contam sempre com a dedicação de sua diretora